

**SANTO
GUERREIRO**
ROMA INVICTA

EDUARDO SPOHR

Prezado Eusébio,

Desde que voltei da Palestina, tenho pensado bastante nas coisas que você me falou. O litoral da Galileia é um paraíso, repleto de animais e árvores frutíferas, o Deserto da Judeia impressiona pelas colunas de sal e as praias do Rio Jordão parecem saídas das páginas do Gênesis. Jerusalém, em especial, é uma cidade que nos captura de diversas formas, sendo impossível descrever a sensação de caminhar por suas ruas, de explorar seus becos, prédios e sítios históricos, ainda que tenham sido grosseiramente modificados desde a época do Nazareno.

Não me cabe julgar se o que os romanos — refiro-me aos latinos, aos ocidentais, não a nós — fizeram foi certo ou errado. Na guerra, algumas medidas são necessárias, e Sexto Severo talvez não tenha encontrado alternativa à completa destruição da cidade. O importante é que agora temos a chance de restaurar o que foi devastado, de restabelecer os antigos santuários, para que o povo renove sua fé. Essa é uma tarefa que tomei como missão, ainda que não me reste muito tempo de vida. Depois que fiz setenta anos, flerto constantemente com a morte, que a cada dia tem me parecido menos terrível. É algo pelo qual todos antes de nós já passaram e todos depois de nós passarão, então, pensando friamente, não há muito que se possa fazer.

Soube também de sua mais nova obra, o *Martirologio* (é assim que se escreve?). Uma lista de santos e mártires executados desde os primórdios da Igreja até a última perseguição aos cristãos. O motivo de eu — finalmente — estar escrevendo estas linhas é tentar ajudá-lo com as glosas relativas a um indivíduo específico.

Refiro-me — como você deve imaginar — a Georgios Graco, que conheci quando jovem em Bizâncio. Desde então, tive a oportunidade de acompanhar sua carreira, primeiro como cavaleiro da Púrpura, depois como tribuno, paladino e duque. Preparei — estou preparando, na realidade — uma série de textos descrevendo todas

as fases de sua vida, esforçando-me para dar a eles certa qualidade literária. Para tal, tenho me inspirado nos épicos gregos, excluindo, naturalmente, suas propriedades fantásticas. Zelei antes de tudo pela verdade. Entrevistei soldados, oficiais, sábios, escravos e professores que, de uma forma ou de outra, tiveram contato com o santo, além dele próprio — é óbvio — durante o período em que estive preso na Nicomédia. Nessa ocasião, Georgios me revelou tudo o que eu precisava saber, mas eu queria ir além (ou aquém) e contar a história dos pais dele, Laios e Polychronia, porque as circunstâncias em que se conheceram são fundamentais para entendermos não só o contexto da época como os rumos que a nossa civilização tomou após a ascensão de Constantino.

O primeiro capítulo desse tomo, portanto, descreve a queda do Império de Palmira, o que considero um marco para a sociedade ocidental, sobretudo graças à atuação da rainha Zenóbia, uma mulher controversa e misteriosa cujas intenções nem mesmo eu, após vastas pesquisas, consegui decifrar. Laios, o pai de Georgios, participou como comandante nessa batalha. Polychronia, por sua vez, de acordo com todas as fontes que consultei, era uma das criadas da monarca palmirense.

O relato — como se pode notar nos manuscritos anexos — foi escrito em grego. O latim continua predominante no Oeste, mas o grego é — e provavelmente sempre será — a segunda língua do mundo. O uso do grego permitiu, também, que eu esmiuçasse alguns conceitos que seriam autoexplicativos no idioma latino. Por exemplo, a *Legio XII Fulminata* é comumente traduzida como “Décima Segunda Legião Fulminante”, mas em latim “fulminante” tem o conceito intrínseco de um golpe de raio, portanto seu significado mais preciso seria “Décima Segunda Legião Armada com Raios”.

Para dar credibilidade à narrativa, usei como base o ceticismo de Élis, doutrina que me ajudou a olhar os fatos e as situações com o distanciamento necessário. O próprio Georgios, apesar de o terem santificado, era um cético por natureza, herança de sua educação aristotélica. O que o transformou em herói, o que fez dele diferente de todos — ou pelo menos da maioria —, foi a

capacidade de compreender as religiões, os deuses e as escrituras não enquanto forma apenas, mas enquanto metáfora, percebendo como essas mensagens se relacionam com a nossa vida. O contato com as divindades estrangeiras foi, penso eu, essencial para que ele desenvolvesse essa mentalidade lógica, o que acabaria, acredite ou não, por sentenciá-lo ao cadafalso.

Espero que considere estes pergaminhos úteis ao seu trabalho. Por favor, sinta-se à vontade para criticá-los e comentá-los. Não sou poeta e não tenho a pretensão de sê-lo, então quaisquer apontamentos seriam, para mim, de extrema utilidade.

Reforço o que escrevi nas cartas anteriores: este palácio está de portas abertas para você. Em verdade, espero uma visita sua em um futuro próximo – assim podemos discutir pessoalmente tanto o seu *Martirologio* quanto o documento que se segue.

Flávia Júlia Helena, augusta de Bizâncio, no vigésimo ano do reinado de Constantino, o Grande

PRIMEIRO TOMO

LAIOS E POLYCHRONIA

I

Palmira

— Isto é praga dos deuses — esbravejou Aureliano. — Só pode ser. — Desferiu um soco contra o tampo da mesa. — Péssimo agouro.

Constâncio se aproximou. Era o seu principal guarda-costas, tinha apenas vinte e dois anos e um traço característico: a tez, o cabelo e os pelos do corpo completamente brancos, o que lhe valera o apelido de Cloro, que significa “pálido” em latim.

— Os deuses nos ajudaram até aqui, César. — Ele usou o tratamento adequado para se dirigir a Aureliano, na época o governante supremo do Leste e do Oeste. — Não há o menor risco de essa rainha síria nos derrotar. O marido dela está morto, nós a superamos em Imas e a desalojamos de Emesa. Palmira é o seu último refúgio. — E afirmou, no intuito de motivá-lo: — Zenóbia está acuada. Não tem como escapar.

— Um adversário desesperado é três vezes mais perigoso — retrucou o imperador, mal-humorado. — É isso que me preocupa.

Na tenda, ao redor deles, encontrava-se uma dúzia de homens, incluindo quatro generais, alguns oficiais de alta patente, dois condes e o idoso Numa, um eunuco nascido na Sardenha que atuava como primeiro secretário do imperador, ocupando-se de todos os registros públicos e da burocracia.

O conselho de guerra havia se reunido horas antes da grande batalha, porque Cláudio Tibério, o então líder da Legião Fulminante, morrera durante a noite após ser picado por uma cobra. Essa tropa — a Fulminante — era a mais aguerrida de todas, porém um de seus centuriões desertara, migrando para o exército inimigo, onde fora

alçado ao posto de general pela própria rainha Zenóbia. Aureliano tinha esperança de que Cláudio Tibério o ajudasse a negociar a paz com Zabdas, o centurião traidor, mas com sua morte tais conversações seriam impossíveis.

O sol ainda não tinha nascido, e na tenda os braseiros estavam acesos, fornecendo luz e calor naquele fim de madrugada. O imperador ficou de pé, deu as costas para seus conselheiros e encarou a estátua em tamanho real do deus Marte, que retratava a figura de um homem em trajes militares, segurando um escudo e usando um capacete de crina alta. Ficou alguns instantes parado, quieto, tentando encontrar uma solução. Ninguém ousou interrompê-lo, até que Numa deu um passo à frente.

— O segundo em comando, logo abaixo de Tibério — murmurou —, é um sujeito chamado Laios Anício Graco. Posso sugerir o nome dele para substituir o falecido general nas negociações?

Aureliano não respondeu imediatamente. Era um indivíduo baixo, forte, de olhos azuis e cabelos grisalhos, que, como muitos céсарes de sua época, ascendera à Púrpura após uma coleção de vitórias. Na ocasião da batalha em Palmira, somava cinquenta e três anos. Presunçoso, arrogante e indômito, tinha a fama de ser duro com seus generais e até com alguns senadores, mas os soldados o amavam, o que era o bastante naqueles tempos de crise.

O imperador pigarreou.

— Anício? Como os Anícios da antiga República?

— O ramo grego, sim, César.

— O que aconteceu com Oribásio? — Tornou a se virar para o conselho, gesticulando. — O senador. Irmão de Petrônio.

— Morto em Imas, César.

— E Maximiano?

— Ferido em Tiana.

— Bom, se não tem mais ninguém, que seja ele, então. — Deu de ombros. — Que horas são agora?

— Falta pouco para o raiar do dia — respondeu Numa.

O soberano respirou fundo. Estava mais calmo, ou assim parecia.

— Deixem-me a sós — ordenou. — Preciso me deitar por alguns minutos. Quem vai entrar em contato com esse Laios Graco?

Constâncio Cloro, o guarda-costas, prontificou-se e deixou o abrigo. Lá fora, sobre uma das colinas do deserto da Síria, onde os romanos haviam montado acampamento, o jovem comentou com Numa:

— Já que o César tanto o escuta, tente enfiar na cabeça dele que esta batalha está ganha. Não há com que se preocupar.

— Sempre há um risco — redarguiu o eunuco, em tom superior.

— Mesmo se fosse o caso, toda guerra é feita de vitórias e derrotas. Não é assim tão catastrófico perder uma ou outra batalha.

— Meu caro protetor — Numa falou pausadamente, chamando Cloro pelo título associado aos seguranças imperiais —, o senhor parece ignorar o fato de que Zenóbia é a comandante em chefe das forças palmirenses. O imperador não tem problema em perder uma batalha. Ele está morrendo de medo de ser superado por uma mulher. Será que ainda não percebeu?

O guarda franziu a testa. Realmente não lhe tinha passado pela cabeça a questão, mas fazia sentido. Ficou em silêncio, pensativo, constrangido por não ter desvendado o mistério antes. Com ares de sábio, o secretário contemplou a abóbada celeste, que começava a assumir tons carmesins, e declarou, educado:

— É melhor o senhor se apressar. Hoje será um dia muito importante.

Enquanto os generais debatiam, em uma tenda ali perto Laios Graco fazia suas orações matinais.

Cada soldado — pelo menos é o que dizem — tem o próprio modo de se preparar para a batalha. Naqueles tempos, muitos legionários eram (ainda) fiéis seguidores dos ensinamentos de Mitra e sacrificavam uma lebre ou um pombo em seu nome. Outros recorriam ao vinho, ao sexo, ao ópio, e alguns simplesmente treinavam. Laios sempre fora da opinião de que, para lutar com energia, tudo que um homem precisa é de uma boa noite de sono.

Laios era um tribuno, um oficial da ordem dos equestres, a baixa nobreza de Roma. Naquele período específico da história, os equestres integravam a guarda montada, a tropa de elite do imperador. Eram cavaleiros, homens instruídos tanto na arte da guerra quanto em política e filosofia. Laios nascera na Capadócia, onde a cultura helênica imperava. De fato, não fossem os cabelos negros, cortados curtos, à moda romana, qualquer um o tomaria por grego na primeira oportunidade: os olhos eram castanhos, o nariz ligeiramente adunco, o rosto quadrado e a pele, morena. Quando pensava nos deuses, ele instintivamente clamava por Zeus e não por Júpiter, por Atena e não por Marte, por Afrodite e nunca por Vênus.

O rufar dos tambores o ajudou a se lembrar de sua missão, a mais difícil que já tivera. Uma hora antes recebera de Constâncio Cloro a incumbência de negociar a paz com o general Zabdas. Laios e Zabdas haviam servido juntos em inúmeras batalhas, até o último ser seduzido pelas promessas de Odenato, um aristocrata árabe que ajudara os romanos a combater os persas. Com o poder e a autonomia que conquistara, Odenato se declarara soberano da Síria, revoltando-se contra a autoridade dos céares. O imperador de Palmira — como ele gostava de ser chamado — morrera assassinado fazia dois anos, e o que parecia uma bênção acabou por se tornar um problema, pois Zenóbia, sua esposa, demonstrou ser uma líder muitíssimo mais perigosa, uma verdadeira leoa, disposta a tudo para preservar sua linhagem.

O sol acabara de nascer e o calor já era insuportável. Laios equipou-se, trajando a túnica escarlate, o colete de couro, a armadura de escamas, as grevas, os braceletes, as botas de equitação e as condecorações militares. Finalmente apanhou sua espada, a Ascalon, supostamente forjada pelo deus Hefesto nas profundezas do Monte Etna, na Grécia. Quando menino, seu pai costumava dizer que era mágica, que apenas os justos poderiam empunhá-la, mas Laios, de sua parte, nunca testemunhara nenhum efeito extraordinário da arma, exceto o fato de ser extremamente afiada, capaz de trespassar aço, bronze e ferro.

Saiu da barraca e foi saudado por seus subordinados — com a morte de Tibério, ele se tornara o comandante interino da legião.

No horizonte, atrás das ondas de calor, os muros de Palmira impressionavam pelas formas em alto-relevo: uma miríade de deuses estrangeiros, que pareciam proteger a cidade. O edifício mais alto, perfeitamente visível desde a colina, não era o palácio, mas o Templo de Bel, o Senhor do Fogo, uma divindade dos tempos remotos. Lá dentro, avenidas arborizadas, jardins particulares, dutos artificiais e um amplo complexo de banhos públicos amenizavam a aridez do deserto.

Laios montou em seu corcel negro, que batizara de Tuta, dirigiu-se à comitiva imperial, cumprimentou o César e começou a cavalgar ao seu lado. Devidamente paramentado, Aureliano ostentava uma couraça dourada e a capa púrpura que era a marca dos soberanos de Roma. Só aquelas duas peças, calculou o tribuno, seriam suficientes para sustentar uma família plebeia por décadas.

— Quem é você mesmo? — perguntou o imperador, de repente.

— Laios Graco, César — respondeu. — Sou o substituto de Tibério.

— Ah, sim, o grego.

— Sim, César.

— Quero que mantenha a boca fechada durante as negociações. Não diga nada, a menos que eu lhe pergunte. Fui claro?

— Perfeitamente, César.

Os dois prosseguiram em silêncio, escoltados por oito guerreiros a pé. Súbito, o soberano indagou:

— Serviu em Palmira, comandante?

— Sim, César. — Não só Laios como seus colegas da Legião Fulminante estiveram estacionados na cidade por quatro anos. Quando Odenato se rebelou, os romanos voltaram à antiga base na Capadócia, mas nem todos, como era o caso de Zabdas. — Sirvo à Fulminante desde os quinze anos.

Aureliano ignorou essa última informação e mudou de assunto:

— O que sabe sobre Zenóbia? Que tipo de mulher ela é?

— Só a vi uma vez, e a distância. Sobre uma sacada, se bem me lembro. Eu recebia ordens de Tibério. Nunca cheguei a conhecer Odenato.

O imperador fez um muxoxo e puxou as rédeas do cavalo. Tirou o elmo e observou as forças palmirenses, dispostas em blocos compactos. O contingente de Zenóbia era definitivamente menor que o seu. Por alto, calculou quatro legiões, enquanto ele tinha seis, incluindo a Fulminante, teoricamente invencível, a Cirenaica, que reunia os soldados mais cruéis do Império, e sua tropa de origem, a *IV Flavia Felix*. Zenóbia tinha a vantagem de estar combatendo às portas de casa, seus homens estimulados e bem alimentados, mas suas unidades seriam esmagadas. O único perigo, ele percebeu, era a cavalaria, muito superior à romana. Os cavaleiros palmirenses dispunham de técnicas e equipamentos melhores: trajavam malhas de aço dos pés à cabeça, capacete, portavam escudo, espada e lança.

Um desses guerreiros montados se aproximou do corpo diplomático. Diferentemente dos companheiros, estava sem o véu metálico que lhes cobria a face. O rosto era fino, alongado, os olhos negros e a pele acastanhada, como a dos árabes. Cavalgava um magnífico alazão, que o imperador desejou para si, assim como desejara a rainha Zenóbia.

— Quem é ele? — Aureliano se virou para Laios. — É o tal Zabdas?

— O próprio, César. — Os dois haviam descido a colina e estavam parados em uma planície no meio do caminho entre ambos os exércitos, a duas léguas de Palmira. Tradicionalmente, os generais se reuniam nesse ponto, chamado pelos romanos de *vacua regio*, ou “zona vazia”, porque ficava fora do alcance das flechas.

Zabdas freou o cavalo a uma distância segura. Estava desguarnecido, sem soldados ou guardas, mas trazia uma lança.

— Laios. — Cumprimentou o ex-colega com um aceno de cabeça. O tribuno respondeu da mesma forma, mas não disse nada, obedecendo às ordens do imperador, que logo tomou a palavra.

— E então, rapaz — começou Aureliano, embora Zabdas não fosse nem de longe um “rapaz”. Tinha trinta e três anos, a mesma idade de Laios, e muita experiência em combate. — Quer fazer um acordo?

O general palmirense encrespou o cenho.

— Que tipo de acordo?

— Consular — disparou o governante. O título de consular era o mesmo que o Senado havia concedido a Odenato e dava a quem o possuísse o direito de governar uma província. O que o César estava propondo era fazer de Zabdas o governador da Síria, em troca de sua lealdade, obviamente, e de algo mais. — Entregue-me Zenóbia e seu filho, Vabalato. É esse o nome do príncipe, não é? Esses sírios têm nomes estranhos — comentou, debochado. — O que eu posso garantir é que seus homens serão poupados. Você poderá mantê-los em seu exército.

— O exército não é meu — lembrou Zabdas. — É da rainha Zenóbia.

— Pela glória de Marte, você é um centurião. — A paciência de Aureliano durava pouco. — Poderia mandar crucificá-lo, mas em vez disso estou aqui, pessoalmente, oferecendo-lhe um título. Onde está a sua dignidade? Você prestou um juramento à Legião Fulminante.

— Eu prestei juramento a Galiano — rebateu Zabdas. Galiano fora o imperador que transferira a Fulminante para Palmira, com o objetivo de combater os persas. Morrera assassinado na Itália, e depois disso, em um espaço de quatro anos, Roma tivera três governantes: Cláudio, Quintilo e, enfim, Aureliano.

— Não seja rebelde. O seu dever é para com o Império Romano.

— O Império Romano é o Senado — argumentou Zabdas, ao mesmo tempo em que lançava uma indireta certa contra o imperador e seu ministério. Diferentemente dos antecessores, Aureliano fora aclamado pelo exército, e os senadores tiveram que se submeter a ele. O que Zabdas estava querendo dizer, com palavras veladas, é que não reconhecia a legitimidade do César e que era *ele*, portanto, o rebelde.

— Que ironia escutar isso da boca de um estrangeiro. De onde você é? Palestina? Egito? Mesopotâmia? Já estive em Roma? Já visitou o Senado?

— Essa discussão é inócua — reconheceu o oficial palmirense. — Começo o avanço das tropas ao início da terceira hora e disparo as flechas logo depois. — Os romanos (não só eles) reconheciam a “terceira hora” como a metade da manhã, entre o nascer do sol e seu zênite. — Os senhores estão de acordo?

O imperador o menosprezou:

— Dispare quando quiser. Meus homens estão loucos para entrar em ação. — E, ao dizer isso, soltou as rédeas e deu meia-volta. Laios teve o estranho impulso de se despedir de Zabdas e o ímpeto ainda mais inusitado de lhe desejar boa sorte, mas em vez disso apenas recuou. Fez o cavalo dar cerca de dez passos de costas, como era recomendado em situações semelhantes. Depois se alinhou ao imperador em seu trote.

Quando olhou para o lado romano do campo — o seu lado —, Laios reparou que os soldados já estavam todos em posição. Salvo um ou outro ajuste, a estrutura do exército se mantinha praticamente a mesma desde os tempos republicanos. O grosso das tropas era formado pela infantaria pesada, guerreiros armados de espada curta e pilo — o dardo romano —, protegidos por armaduras feitas com tiras de metal sobrepostas, escudos retangulares e elmos de bronze, agrupados em baterias de cem homens, as chamadas centúrias. Os arqueiros e as unidades de artilharia, com suas balistas e catapultas, posicionavam-se atrás dessas linhas, e mais além ficavam os cavaleiros, prontos para descer e galopar pelos flancos.

Enquanto regressavam à colina, Aureliano perguntou para Laios:

— Ele era seu amigo?

— Zabdas? Não — respondeu o tribuno, sinceramente. — Só um colega. Servimos juntos na fronteira, sob o comando de Galiano.

— Isso eu já sei — retrucou o César, cansado. — Se você o encontrar no campo de batalha, o melhor que pode fazer é matá-lo. Um adversário digno merece uma espada no coração, nunca a captura. Talvez um dia você entenda o que quero dizer.

— Eu entendo.

— Já que entende, então me diga uma coisa. O que levaria um homem como Zabdas a nos receber cara a cara, em vez de se manter atrás dos muros de Palmira, onde estaria em segurança? Coragem? Desespero? Tolice?

Laios respondeu o que lhe veio à mente:

— Os plebeus diriam que Zenóbia o enfeitiçou.

— Mas você não acredita nisso.

— Lógico que não. O mais provável é que estejam ganhando tempo.

— Com que objetivo?

— Não sei, César — admitiu o tribuno. — Realmente não faço ideia.

Os dois haviam chegado ao topo da colina. Com a ajuda de seus escravos, Aureliano desmontou. Laios não sabia o que fazer, então se manteve sobre a sela.

O imperador se dirigiu a ele aos sussurros, sem que Constâncio Cloro e Numa, que estavam ali perto, pudessem ouvir:

— Eis suas ordens, comandante. Os equestres vão *fugir*.

Laios não entendeu.

— Fugir? Para onde?

— Para o mais longe possível. Na direção do Eufrates. Quero que a nossa cavalaria encontre a deles em uma manobra penetrante. Perfure a formação, produza um corredor e faça os animais correrem como nunca. Isso vai desnorteá-los.

— E fará com que nos persigam — desvendou o tribuno.

— Os cavaleiros de Zenóbia são muito pesados. O único jeito é dispersá-los. Tudo depende disso.

— E se eles resolverem continuar avançando?

— Então esse pode ser o fim do Império Romano. — O argumento não era meramente retórico. Por todo o mundo, generais se rebelavam, legiões debandavam, fronteiras sofriam ataques, conspirações agitavam o Senado. Nem mesmo Roma estava segura. — O comando dos equestres é seu — informou o soberano. — Faça bom uso dele.

— Farei, César.

— Que Mitra o proteja. — Fez uma saudação militar. — Roma invicta — exclamou, evocando um dos lemas do exército. — Roma eterna.

Do alto de seu cavalo, Laios ouviu o sopro de uma trompa — grave, possante e contínuo — seguido por três sinais de corneta.

Instantes mais tarde, enquanto suspensia a túnica para urinar, Aureliano perguntou a Constâncio Cloro:

— E então, o que acha? Podemos confiar nele?

— Nunca se pode confiar em um grego — opinou o jovem pálido.

Numa, que se aproximava com uma ânfora na mão, pontuou:

— Não se trata de confiar em um grego, mas de confiar nos deuses.

O imperador se aliviou com o jato de urina. Em seguida indagou:

— Como assim?

— Uma cobra matou Tibério, o seu general mais experimentado.

O substituto é um cavaleiro, justo nesta batalha, em que a cavalaria será decisiva. Os deuses estão conversando conosco, César — afirmou.

— Basta sabermos escutar.

Constâncio Cloro não concordava, mas era apenas um guarda-costas.

Numa, em seu íntimo, tinha mais medo que fé. Na condição de escravo, não queria ser vendido, tampouco capturado, então inventava profecias para que as pessoas o respeitassem. Se alguém se dispusesse a listá-las, perceberia que quase sempre ele errava, que era um enganador, um mentiroso.

Um farsante.

Mas não naquele dia. Naquela manhã de outono, Numa estava certo.

Ele não sabia disso, mas estava certo.

Um arqueiro grego — os romanos os chamavam de sagitários, em homenagem à constelação do zodíaco — disparou uma flecha o mais alto que pôde. O objeto cortou o céu, percorreu uma longa distância, desceu com um silvo e perfurou o chão do deserto. Ficou encravado no solo, delineando uma fronteira invisível entre as forças do Oriente, lideradas por Zenóbia, e as tropas do Ocidente, sob o comando de Aureliano.

Equício Probo, de quarenta anos, o mais graduado dos generais em campanha, informou ao imperador:

— César, os nossos homens estarão seguros até aquele ponto. — Apontou para a flecha. Probo era um sujeito esguio, de olhos tristes e

fala mansa, dotado de excepcional inteligência. — Ultrapassado esse marco, seremos alvejados.

— Ótimo — anuiu o soberano, observando tudo a partir da colina.
— Comece a avançar na terceira hora.

— Sim, César.

Laios encontrava-se sobre o mesmíssimo outeiro, à frente de mil e quinhentos ginetes. Portavam escudos ovais, mais leves e menores que os da infantaria, lanças longas e espadas. Quase todos vestiam armaduras de escamas metálicas, mas havia os que trajavam cotas de malha e couraças polidas. Diferentemente dos plebeus, isto é, dos legionários a pé, a maioria desses cavaleiros era composta por nobres, pertencentes a famílias importantes. Suas marcas e brasões eram distinguíveis não só pelos escudos multicolores, mas pelos elmos, cada qual com um estilo próprio — alguns se assemelhavam aos capacetes gregos, outros imitavam peças do aparato germânico e havia os tradicionais elmos gauleses.

Ciente de que comandaria indivíduos mais ricos e influentes que ele, Laios resolveu fazer um discurso.

— Senhores. — Puxou as rédeas e se virou para trás. — Em nome de César, eu os saúdo duplamente. Primeiro, pelo privilégio de liderá-los e, segundo, pela natureza desta missão. Cada um de vocês carrega um nome, mas, acima de tudo, um compromisso com a Cidade Eterna. — Um burburinho percorreu as linhas. O tribuno fez uma pausa, esperou que os homens se calassem e prosseguiu: — Está em nossas mãos a tarefa de garantir a sobrevivência do Império. Eu, Laios Graco, servi por anos em Palmira e conheço o que existe do lado de lá. — Apontou para o deserto infinito, para além das dunas e do Rio Eufrates. — Morte, ignorância e barbárie. Os senhores, que hoje se apresentam diante de mim, são, portanto, a única coisa que se interpõe entre a salvação do mundo e sua catástrofe — disse, e estava sendo sincero, o que fez os oficiais se apurarem. — Esta não é uma simples disputa entre nações. O que está em jogo, agora mais do que nunca, são as nossas crenças, as nossas terras, o nosso sangue. Não temam, filhos de Roma, pois os deuses nos observam do alto. Cabe a nós não decepcioná-los.

Um novo murmúrio se espalhou, este de aprovação, ou assim parecia. Laios ergueu a cabeça, percebeu que faltava pouco para o início do prélio e encerrou sua fala.

— Fiquem atentos aos meus sinais, e boa sorte — exclamou, completando: — Quem quiser rezar, esta é a hora.

Uma das atribuições dos tribunos era avaliar o momento certo para o ofício religioso. Não deveria ser muito antes do combate, nem em cima da hora. O ritual, nesse ponto, costumava ser pessoal. Laios apanhou uma moeda, estendeu-a contra o sol e fez uma prece a Atena, a deusa da estratégia em batalha, oferecendo o próprio corpo em sacrifício caso não se mostrasse apto a cumprir a tarefa. Depois tornou a guardar a peça sob o cinto.

Quase no mesmo instante, a infantaria desceu a colina e começou a marchar através da planície. Era um espetáculo contagiante ver todos aqueles soldados avançando em sincronia, ostentando bandeiras e estandartes. O som era como o de um terremoto, com mais de sessenta mil homens pisoteando o solo, esmagando a terra, batendo os pés e gritando. O rufar dos tambores os acompanhava, e então soaram as trompas, e os romanos subitamente pararam.

Do outro lado do campo, o exército de Zenóbia se moveu. Suas unidades entoavam uma espécie de canto, clamando o nome da rainha estrangeira.

Enfim as legiões palmirenses também estacaram, e a cavalaria assumiu a linha de frente. Seis esquadrões tomaram a dianteira, passando do trote ao galope em questão de segundos. De repente, estavam cavalgando tão rápido que seria inútil disparar contra eles.

Numa, em pé ao lado de Constâncio Cloro, perguntou:

— O que está acontecendo? — Era um dia claro, mas seco, com ondas de pó encobrendo a paisagem. — Não enxergo nada.

— Zabdas resolveu enviar seus ginetes primeiro — o jovem explicou. — Péssima estratégia. Serão detidos pela nossa parede de escudos. Serão massacrados.

— Hummm... — O escravo cruzou os braços, pensativo. — É um terrível desperdício de vidas humanas, não acha?

— Pelo contrário — reagiu Cloro. — Estamos salvando vidas e não as tirando. Consegue imaginar o que aconteceria se eles chegassem a Roma?

Numa engoliu em seco só de pensar nos anfiteatros em chamas, nos aquedutos demolidos, na pilhagem e na carnificina que se seguiriam a um ataque palmirense à metrópole, mas o que aconteceu não foi — nem de longe — o que Cloro previra.

Os cavaleiros de Zenóbia cruzaram a fronteira imaginária entre os dois exércitos e, quando estavam perto das linhas romanas, sacaram seus arcos. Graças à poeira, ninguém conseguiu enxergar as armas que eles traziam. Os combatentes ocidentais não estavam preparados para uma chuva de projéteis — não a curta distância, partindo de guerreiros montados.

Com habilidade superior a qualquer arqueiro latino — e mesmo aos respeitadíssimos sagitários gregos —, os cavaleiros lançaram suas setas, que despencaram sobre a terceira, a quarta e a quinta centúrias. Desprevenidos e desprotegidos, os homens de Aureliano caíram como frutas podres, perfurados nas costas, nos ombros, nos braços e antebraços.

Sobre a colina, Laios Graco escutou os cavalos bufando atrás de si, os cascos batendo, os oficiais impacientes.

— Esperem. — Fez um gesto com a palma aberta. Por mais doloroso que fosse assistir ao massacre de seus compatriotas, ele sabia que precisava aguardar o instante exato. Se se precipitasse, poria tudo a perder. — Mantenham posição. — E reforçou: — Esperem.

Os equestres, condes e duques obedeceram, confiaram nele, e de fato o exército de Roma se adaptou velozmente. Sob a gerência de capitães perspicazes, já na segunda salva de flechas cada centúria se fechou em uma espécie de casco, com escudos posicionados à frente, atrás, dos lados e acima, perfazendo uma manobra conhecida como testudo, ou tartaruga. Por dez minutos, os legionários aguentaram firme sob essa carapaça, suportando quatro saraivadas de pontas mortais.

Recompostos do susto, os guerreiros avançaram, cercando os temíveis cavaleiros de Zabdas.

No corpo a corpo, a infantaria era imbatível e começou a lutar como nunca. De uma hora para outra, as centúrias se espalharam, engolfando os palmirenses e seus animais.

O que se percebia agora, do alto, era um escarcéu: gládios faiscando, gemidos de dor, cavalos relinchando, estandartes caindo e o choque ensurdecedor de metal contra metal.

O imperador apertou os lábios. O desfecho da luta era ainda uma incógnita.

— Numa? — Da sela, Aureliano cutucou o escravo com a ponta do pé. — O que dizem os deuses? Devemos recuar?

— Sou apenas um burocrata, César — o secretário se defendeu. — Não sacerdote ou áugure.

— Mas você sabe ver os sinais. Não sabe?

— Ocasionalmente.

— E o que eles dizem? — insistiu.

Numa pensou rápido. Precisava bolar algo convincente.

— Uma recompensa nos aguarda no fim da estrada. Os estrangeiros continuarão triunfando. O homem grande sairá vitorioso.

— Somos estrangeiros neste país, não é? — interpretou o soberano.

— Sim, César — confirmou Numa. — Decerto que somos.

Constâncio Cloro reprimiu uma risada. Não conseguia acreditar em nada do que o eunuco dizia. No entanto, graças aos deuses ou não, a sorte dos romanos estava prestes a mudar.

Probo fez um sinal com a mão, e um regimento auxiliar, composto por brutamontes armados de maça, uniu-se às tropas regulares. Sua função era acertar o joelho dos cavalos, arrancando os ginetes das selas. Encurralados por esses homens e reparando no perigo que corriam, os cavaleiros orientais retrocederam, saltando sobre corpos, esquivando-se de lanças, chutando cabeças, atropelando quem estivesse no caminho. Deram meia-volta, tomaram distância, mas quando estavam quase chegando aos portões de Palmira, cansados e feridos, Laios e seus esquadrões emergiram da poeira pelos flancos, saltando sobre eles como uma onda de maremoto.

— *Cuneum formate!* — bradou o tribuno, instruindo seus homens a executarem a formação em cuia, própria para romper e penetrar a disposição inimiga. — *Cuneum formate!*

O movimento foi brilhantemente realizado. Houve um estrondo inicial, seguido por choques e colisões. Laios Graco, na dianteira, quebrou a lança ao perfurar a malha de uma armadura qualquer. Ele nem viu quem acertou, só reparou no impacto, o sujeito caindo, o cavalo empinando. Sentiu um cheiro metálico combinado ao odor de suor. Rasgou as fileiras em êxtase, quase cego pela sinfonia da morte.

Desviou-se de um dardo, susteve uma pancada nas costelas e depois um guerreiro montado o agrediu com o sabre. O escudo o salvou, mas o impacto despedaçou a madeira. Sem opções, largou o cotoco e desembainhou a Ascalon. Estava louco para lutar, sedento de sangue, como um leão faminto diante da presa. Contudo, recordou as ordens do César e decidiu obedecer à risca. Ergueu a espada e deu um grito:

— Cavaleiros, comigo! — Sacudiu o aço sobre a cabeça. — Prosseguir.

Sem pensar duas vezes, os oficiais o seguiram, contrariando um dos principais ensinamentos da guerra, segundo o qual, no calor da peleja, toda vantagem deve ser explorada. Os cavaleiros romanos haviam surpreendido os guerreiros de Zenóbia e poderiam tê-los aniquilado, mas preferiram dar as costas aos oponentes e se retirar do combate.

Naturalmente, era uma ação calculada. Quando mandou que Laios fugisse, Aureliano fez uma aposta com os deuses. Se os soldados orientais os perseguissem, acabariam se dispersando e a luta estaria ganha para as forças do Oeste. Felizmente para o imperador, foi o que aconteceu, embora o motivo seja até hoje um mistério.

O que se sabe é que, por instinto, Laios disparou na direção do Eufrates, e talvez tenha sido isso, no fim das contas, que decidiu o curso da guerra.

E, por conseguinte, o destino do mundo.